

## CÂNCER E CHARLATANISMO

*Antônio Carlos Campos Junqueira*

Em vista do aumento das atividades de charlatães relacionadas ao tratamento do câncer nestes últimos tempos, achamos conveniente fazer, neste Editorial, algumas considerações que, embora superficiais, servirão para chamar a atenção para alguns pontos importantes do problema.

O câncer é a doença que mais se presta ao charlatanismo. Isto se dá principalmente em função de dois fatores: a) Indidênciã. O câncer, junto com as moléstias cardiovasculares, é o responsável pelo maior número de óbitos, em países civilizados, na atualidade. Este fato lhe confere posição de destaque, representando uma atração do charlatanismo em função do grande número de doentes colocados ao seu alcance; b) Gravidade. A utilização, ainda que correta, dos recursos terapêuticos existentes hoje em dia, possibilita a cura de cerca de um terço dos casos de câncer. Isto significa que dois terços, mais cedo ou mais tarde, estarão em situação grave, fora de possibilidades terapêuticas e, portanto, em condições favoráveis ao assédio dos charlatães. Além destes fatores principais, vários outros também contribuem para esta situação. Entre eles destaca-se o fato da moléstia: a)

atingir pacientes de tôdas as idades e níveis sociais; b) manifestar-se praticamente em todos os órgãos e aparelhos do corpo; c) representar um campo de interesse para pesquisas científicas.

O charlatão encontra, no ambiente do canceroso, as condições mais favoráveis à sua ação. Entre nós, onde existe a crença arraigada de que o câncer não tem cura e seu portador é um condenado, o próprio conhecimento do diagnóstico já traz o desespero à família do doente e, em muitos casos, confusão e divergências em relação à orientação e às medidas terapêuticas a serem adotadas. Muitos doentes perdem a sua chance de cura, nas fases iniciais da doença, pelo fato de terem ficado "em tratamento" por processos que não apresentavam valor algum. Quando o caso é avançado e aos médicos só restam recursos paliativos, freqüentemente de pequeno valor, é fácil aos familiares do paciente cederem à sugestões — sempre bem intencionadas — de amigos e conhecidos, para tentar determinado "tratamento".

Não estando familiarizados com o assunto e, portanto não conhecendo suas reais possibilidades, a referência a alguns resultados positivos em pessoas co-



nhecidas pode influir decisivamente em tal situação. É a última esperança! Se a medicina nada pode oferecer, não custa nada tentar qualquer coisa. Afinal de contas, qualquer dia surgirá o remédio para o câncer e êste poderá ser o tal. Se não der resultado, pelo menos a consciência está tranqüila, pois tudo foi tentado. Esta a forma de pensar e os argumentos decisivos em tais situações. E realmente são argumentos razoáveis desde que encarados sob determinado ponto de vista. Entretanto, êste modo de agir, estará prejudicando diretamente a comunidade pelo apoio dado ao charlatanismo, favorecendo sua difusão e lhe conferindo, de certa forma, aspectos de um recurso a mais, tolerado pela medicina.

Os charlatães — e incluímos aqui alguns elementos que possuem títulos e conhecimentos científicos, mas exercem atividades que caracterizam o charlatanismo — podem ser divididos em dois grupos :

a) Honestos e bem intencionados. Há alguns elementos, realmente preocupados com o problema, que dedicam seus esforços no sentido de descobrir algo que possa curar o câncer. São, com freqüência, pessoas que já tiveram familiares vitimados pela moléstia e que querem, de tôda a forma, contribuir para a solução do problema. Geralmente não auferem lucros com seu trabalho. Em suas pesquisas descobrem alguma substância que oferece possibilidade ou indícios de possuir ação anticancerosa.

Geralmente nesta fase dos trabalhos, entusiasmados com as possibilidades, cedem à sugestões e pedidos e passam a empregar o agente em pacientes cancerosos. Daí por diante a situação lhes foge ao contrôle. Alguns, obsecados pela idéia da cura do câncer, passam a ver resultados positivos em casos que, corretamente observados, nenhum benefício objetivo apresentam. Êste tipo de charlatanismo é tanto ou mais prejudicial do que o que citaremos em seguida, em virtude da honestidade de seus autores.

b) Desonestos. Constituem a maioria. Vêm no canceroso uma forma de ganhar dinheiro. Descobrem “determinado extrato”, freqüentemente uma associação de várias substâncias ou drogas, cuja fórmula é mantida em segredo e passam a apregoar suas possibilidades e a utilizá-lo no tratamento de cancerosos, mediante “contribuição” que serviria para o preparo da medicação, geralmente bastante dispendiosa. Como sempre existe a esperança no aparecimento da cura, não lhes falta material humano. A procura intensa do sensacionalismo, sem interêsse nenhum na verdade, que caracteriza a grande maioria dos nossos meios de divulgação — jornais, rádio e televisão — se encarrega de lhes fazer propaganda gratuita e eficiente. A posição de humildes batalhadores que lutam, sem recursos, para oferecer à humanidade uma cura para o terrível mal, perseguidos pelas poderosas organizações, nacionais e internacionais, que detêm o “Trust do Câncer”



e não têm interêsse em resolver o problema, pois perderiam o enorme capital empatado — tudo isto — lhes angaria uma simpatia que fãcilmente se transforma em boa vontade e apoio, facilitando-lhes enormemente o trabalho. O contato com entidade oficial que permitiria observação correta dos efeitos do medicamento e sua avaliaçãõ é evitado a todo custo. A fórmula é mantida em segrêdo mediante desculpas variadas.

O charlatãõ se aproveita de todos os recursos para ludibriar a boa fé do próximo, enaltecendo qualquer aspecto favorável que o doente apresente — ainda que nem de longe relacionado com seu medicamento — e culpando a doneça ou outros tratamentos de todos os aspectos negativos que vãõ surgindo. Doentes prèviamente submetidos à radioterapia e quimioterapia e que, na fase de intoxicaçãõ e reaçaõ intensa pós-tratamento, desanimados, tomam o “extrato”, sãõ apresentados freqüentemente na televisãõ mostrando os “resultados” muito bons obtidos quando o doente se encontrava em “queda progressiva”. Casos em fase de remissãõ conseguida através dos tratamentos clãssicos sãõ apresentados como “curados” pelos processos defendidos no programa. Doentes portadores de lesões que simulam câncerc sãõ curados de seus tumores.

Os insucessos correm todos por conta da extrema “malignidade” da doença ou porque, infelizmente, o caso já era muito avançado e tempo precioso tinha

sido perdido com outros tratamentos ou entãõ (o que é comum) que os tratamentos clãssicos, prèviamente realizados, tinham sido mal executados, nãõ deviam ter sido feitos ou impediram que seu “processo” atuasse devidamente.

Por outro lado, a ausênciac quase completa de fiscalizaçãõ eficiente e a falta de rigor das medidas preventivas nas poucas ocasiões em que estas sãõ tomadas, lhes reduz muito as preocupações em casos de processo.

Últimamente, o grande desenvolvimento da quimioterapia veio, de certa forma, favorecer o charlatanismo. O emprêgo de medicamentos — muitos dêles extraídos de vegetais — com real atividade antineoplásica, empresta um certo cunho científico a todos os processos que pretendem tratar o câncerc, empregando “preparados” ou “extratos”. É freqüente a comparaçãõ, pelos charlatães, de determinado “preparado” seu com agentes quimioterápicos, criticando a toxidez dêstes e enaltecendo a boa tolerãnciac daquêles.

Por outro lado, o fato de que todo o tipo de pesquisa científica pode, direta ou indiretamente, ter relaçaõ com o problema câncerc, faz com que, freqüentemente, pesquisadores sem nenhum conhecimento oncológico, ao fazer uma descoberta científica se colocam inadvertidamente nas mãos de pessoas menos escrupulosas que os exploram e aos seus achados, comportando-se, portanto, como verdadeiros charlatães.



Estas considerações servem apenas para demonstrar a importância e complexidade do problema. Não pretendemos aqui focalizar a fundo os diferentes aspectos que diariamente se oferecem àqueles que se dedicam à cancerologia, mas sim chamar a atenção para sua gravidade e dificuldade de solução. No mundo inteiro — pois o problema é universal — as autoridades lutam com dificuldades, maiores ou menores, conforme a legislação do país e a mentalidade de seu povo, para resolver este problema que, a nosso ver, é insolúvel. Enquanto todos os segredos do câncer não forem desvendados e conseguida sua cura completa e definitiva, haverá sempre alguém disposto a explorar a

boa fé e esperança — sempre presente — e oferecer um “tratamento” capaz de curar o câncer. Entretanto, determinadas medidas poderiam ser úteis. Entre elas, a nosso ver avultam algumas: campanha de divulgação popular de conhecimentos relacionados ao câncer; campanha, junto aos médicos, no sentido de desaconselhar e contra-indicar sistematicamente qualquer aproximação à charlatães, mesmo no caso de pacientes já em fase final; intensificação da fiscalização ao exercício profissional da medicina, evitando, porém, medidas de punição ostensivas, que só servem para transformar um criminoso em perseguido e vítima, com aspectos até de mártir em certos casos.